



“SAIR OU ENTRAR NO ARMÁRIO”: UM ATO REVELATÓRIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Givaldo Moises de Oliveira
Universidade Estadual do Oeste do Parana - UNIOESTE

Regina Coeli Machado e Silva
Universidade Estadual do Oeste do Parana - UNIOESTE

264

Resumo: O presente trabalho busca discutir a presença dos mecanismos de poder que Foucault denominou de biopoder e suas influências no ato da revelação, do “sair do armário”. Como esses mecanismos são acionados quando se trata de tornar público a homossexualidade, tomando como objeto de análise os filmes: “*Maurice*”, do diretor James Ivory (1987), “*Orações por Bobby*” dirigido por Russell Mulcahy (2009), “*Bent*”, do diretor Sean Mathias (1997), três longas-metragens que aborda de maneiras diferentes os atos revelatórios e suas consequências, advindas das redes construídas pelo biopoder.

Palavras chaves: Foucault, homossexualidade, sair do armário.

Abstract: The present work seeks to discuss the presence of the mechanisms of power that Foucault called biopower and its influences in the act of revelation, of "getting out of the closet". As these mechanisms are triggered when its about to making homosexuality public, taking as an object of analysis the films: "*Maurice*" by director James Ivory (1987), "*Prayers for Bobby*" directed by Russell Mulcahy (2009), "*Bent*" , by director Sean Mathias (1997), three feature films that deals in different ways with revelatory acts and their consequences, coming from networks built by biopower.

Key words: Foucault, homosexuality, coming out of the closet.

Que rufem os tambores! Vou sair do armário. Nem sempre a estreia é um ato de aplauso. Uma plateia em pé extasiada com a força de sua performance. Esse ator, antes de entrar em cena, antes de tocar o terceiro sinal para abrir a cortina, se prepara exaustivamente para seu grande papel, o personagem de si mesmo. Personagem este que, indiferente da linha de atuação, busca sempre o seu melhor. Porém, o tempo de preparação envolve a estrutura do texto, o trabalho corporal e vocal, o figurino, a época em que se passa a ação e as falas. E, ao emprestar seu corpo para o personagem, terá que estudar seus conflitos, suas emoções, seus



objetivos, e suas marcas cênicas. Enfim, tudo que envolve o personagem. Então, chega o grande momento. O momento de enfrentar a plateia, sentir a reação ali, frente a frente, ouvindo o ranger das cadeiras, o movimento, o burburinho, a respiração mais forte, a repulsa, o riso, o deboche e, ao final, a expectativa do aplauso, forte ou fraco, verdadeiro ou falso, mas o aplauso. Independentemente desta reação, a única certeza é que amanhã teremos espetáculo outra vez.

Desta forma, pretendo introduzir o presente estudo, comparando-o a um grande espetáculo teatral, mas não com personagens ficcionais, e sim reais, que encontramos todos os dias em todos os lugares. Não sabemos seus nomes, seus medos ou sonhos. São apenas atores co-agindo com um grande texto, construído por mecanismos que, muitas vezes, que funcionam como antagonistas desses atores. Antagonismos esses que agem por todos os lados, por todos os meios, não sendo um poder único, mas sim uma rede de poderes. Poderes esses, que agem mediante a uma ordem normatizadora, e que entram em cena juntos ou separados, mas de forma intensa, com suas falas advindas do poder saber e do poder fazer. Desta forma, cerceando os atores por meio do mecanismo do racismo, criando divisões, legitimando e eliminando o outro igual. Portanto, “sair do armário” não seria apenas trocar o armário? O armário individual por um armário coletivo? O armário seria uma revelação, ou apenas uma cena instantânea e performática? Ou seria a busca de uma identidade? Um espaço na cena, dirigida por tantos diretores? O ator coadjuvante tentando conseguir o respeito de um papel principal? Ou o armário pode ser um porto seguro acionado e controlado por esse ator por intermédio do gênero dramático? Mediante a esses questionamentos que pretendo discorrer os longas-metragens, “*Maurice*”, do diretor James Ivory (1987), “*Prayers for Bobby*” com título em português de “Orações por Bobby” dirigido por Russell Mulcahy(2009). “*Ben*”, do diretor Sean Mathias (1997),

Entretanto, para discutir sobre o “sair do armário” enquanto ato revelatório, faz-se necessário compreender a discussão sobre o dispositivo da sexualidade, assim denominada por Foucault (1996):



Através deste termo [dispositivo] tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos. (p. 244).

266

Portanto, o dispositivo da sexualidade são mecanismos práticos, que buscam normatizar, regular, controlar e estabelecer, a respeito do corpo e seus prazeres, por meio do discurso e do não discurso, saberes e poderes ditos como “verdades”, como meio de cercear as relações. O dispositivo é “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência” (FOUCAULT, 1996, p. 244). Para Madlener (2007), “este dispositivo, com suas verdades e valores morais, dita aquilo que deve ser praticado, interfere nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos prazeres e ao corpo”. (p.50).

Segundo Nunan (apud Greenberg, 1988), boa parte das ideias atuais que mantemos sobre sexualidade devem-se ao prestígio da ciência no imaginário social. Assim, a homossexualidade será inicialmente definida como uma perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores e, depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico, que se manifestava pelo funcionamento feminino do homem.

Essa evolução, foi possível em virtude de, segundo Foucault (1999):

O homossexual do século XIX tornou-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. [...] agora o homossexual é uma espécie. (p. 43-44)

Portanto, o homossexual ao ser transformado em espécie, torna-se um objeto a ser estudado por várias vertentes do conhecimento, psicologia, medicina, objetivando a elaboração de teorias e processos de “cura”. Para Nunan ():

Surgia a *família dos degenerados instintivos* (qualquer indivíduo que apresentasse condutas subversivas à ordem moral da sociedade), e dela, nossas crenças sexuais “civilizadas”. [...] O degenerado era



intelectualmente degradado porque a ideologia das Luzes não podia aceitar que homens racionais apresentassem condutas e desejos que negassem os interesses sociais. Os homossexuais passaram a ser comparados a homicidas, criminosos, viciados, doentes venéreos, suicidas, prostitutas, alcoólicos e doentes mentais. Assim, estudar o homossexual junto com suas “patologias instintuais” torna-se indispensável a partir do momento em que o sexo, sua norma e seus desvios, se transformam em elementos política e socialmente relevantes. (p.23-24).

Neste sentido, o “armário”, enquanto conjunto de normas, nem sempre explicita, de controle da sexualidade, e mantenedora do binarismo hétero-homo, desde fins do século XIX, e mediante seu poder, institui o espaço público como espaço heterossexual, e exilando para o espaço privado o sujeito que mantém relações com o mesmo sexo. Para Sedgwick, (2007):

“À medida que a cultura centrada no indivíduo, do século XIX, avançava na elaboração de uma versão do elo conhecimento/sexualidade cada vez mais estruturada por sua recusa cognitiva da sexualidade entre mulheres, entre homens. Ao final do século XIX, quando virou voz corrente – tão óbvio para a Rainha Vitória quanto para Freud – que conhecimento significava conhecimento sexual, e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reificante dessa recusa, significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintivamente constituída como segredo”. (p.30).

Para Miskolci (2009):

“A homossexualidade foi “inventada” como segredo e – em contextos culturais e históricos que a perseguem – tende a existir inserindo no armário aqueles que nutrem interesses por pessoas do mesmo sexo. Portanto, o *closet* não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da “coragem” ou “capacidade” individual. Em contextos heterossexistas, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimentos”. (p.172)

Dessa forma, os filmes analisados serão divididos em três subtítulos. O armário como sinônimo de segurança, sair do armário: as consequências e um entra e sai do armário: sobrevivência. Buscando assim, contextualizar, como os mecanismos de poder influenciam nos diferentes atos revelatórios. Suas negações, dificuldades e atitudes de sobrevivência, enquanto indivíduo social.



O armário como sinônimo de segurança.

O filme “Maurice”, uma produção britânica de 1997 com roteiro baseado na obra homônima de Edward Morgan Forster e dirigido por James Ivory, onde narra a história do personagem Maurice.

A história se passa no início do século XIX na Inglaterra, onde a homossexualidade era considerada crime. “O amor que não ousa dizer seu nome” (Oscar Wilde), ainda era a forma da vivência homossexual.

Maurice Hall, é um jovem que vai estudar em Cambridge. Ao conhecer Lord Risley é convidado a participar de um privado clube de discussões. Ao conhecer Clive Durham, ao caminho do local da reunião, se torna amigos inseparáveis. Ao tempo, o relacionamento dos dois vão se tornando mais intenso, ao ponto de perceberem apaixonados, porém evitam revelar o sentimento mútuo. É Clive que toma a atitude de confessar seu desejo e sentimento. No primeiro momento Maurice repudia a revelação, mas não conseguindo negar seus sentimentos, se entregam a paixão. A prisão de Lord Risley por sodomia, será um fato marcante na relação de Maurice e Clive. Clive que almeja uma carreira política se amedronta com a possibilidade de ser reconhecido como homossexual e também ir preso. Assim decide romper com Maurice, permanecendo apenas amigos.

Com o fim do relacionamento, o sofrimento de Maurice aumento, porém ele não vê o matrimônio como uma fachada para a ocultação. Desta forma vai procurar na terapia de hipnose a solução de seu problema. Enquanto isso, a carreira de Clive toma um salto, ele contrai o casamento, e se torna uma referência no meio social e político.

Numa visita à casa de campo de Clive, ocorre uma situação onde Clive visita o quarto de Maurice e revela que ainda lembra com paixão das situações vividas. E ao se despedir beija as mãos de Maurice. Maurice se dirige à janela e molha o tronco na chuva que cai. Porém sem perceber que é observado por Alec Scudder, o guarda-caça da propriedade, que parece se aprazer com o ato. Alec investe na relação, Maurice reluta, pois Alec é um serviçal e pode chantageá-lo. Entretanto,



Alec insiste e visita Maurice no seu escritório, onde revela o seu sentimento verdadeiro e ao mesmo tempo que irá se mudar definitivamente a Argentina. Maurice toma uma decisão e vai ao porto se despedir. Para sua surpresa Alec não aparece, então ele retorna a casa de campo de Clive onde o encontra. E decidem viver juntos no campo.

No filme, a presença do “armário”, será sinônimo de segurança e preservação individual. Pois o ato do revelar, do assumir, era considerado crime, sujeito a prisão e condenação. Portanto, o armário seria a única forma de manter a relação considerada ilícita. Para Eribom (2008):

Armário corresponde ao “[...] lugar da resistência à opressão, uma maneira de viver a homossexualidade em épocas ou lugares em que não era possível vive-la ao ar livre. O, “armário” foi com tanta frequência denunciado pelos militantes homossexuais como o símbolo da “vergonha” e da submissão à opressão que se acabou esquecendo ou negligenciando que ele também pode ser, e ao mesmo tempo, um espaço de liberdade e um meio – o único – de resistir e de não se submeter às injunções normativas. [...] ele foi o meio de ter, orgulho “quando tudo levava a ter vergonha.” (p.67).

Essa relação ocorre com os três personagens da trama, Clive – Maurice - Alec. Primeiramente com Clive e Maurice. Quando Clive assiste o julgamento do Lord Risley, acusado pelo crime de sodomia, e pretendendo seguir carreira política percebe que sua relação com Maurice pode prejudicá-lo. E para manter seu segredo, contrai matrimônio como meio de fugir do estigma e de sofrer injúria. Nesse caso, para Eribom (2008), a injúria:

“A injúria me diz o que sou na medida em que me faz ser o que sou”. [...] Não designa somente uma classe de indivíduos definidos pelas suas referências e práticas sexuais, mas também como um conjunto de processos de assujeitamento que são tanto coletivos quanto individuais, na medida em que se tem uma estrutura comum de inferiorização. E qual seja a motivação daquele que lança o insulto, é inegável que ele funciona sempre e fundamentalmente como uma chamada à ordem sexual já que, mesmo que a pessoa designada não seja homossexual, é dito explicitamente que ser homossexual não é somente condenável, mas que todo mundo deve considerar como infame ser acusado por sê-lo. (p.29-78).



Clive, mesmo buscando sua segurança dentro do armário, não consegue negar o que ainda sente por Maurice. Isso aparece quando da estadia de Maurice em sua casa de campo, quando diz que ainda sente saudades dos tempos que vivenciaram. Porém, logo volta a sua atuação de negação em virtude de sua performance social.

A relação entre Maurice e Alec, apresenta mais um elemento considerado agravante, a diferença social entre eles. Alec era funcionário de Clive na casa de campo (guarda-caça), gerando um conflito em Maurice sobre o segredo de sua homossexualidade, e que poderia vir a ser alvo de chantagem por Alec. Porém, para Goffman (1988), a chantagem “em si pode não ser tão importante; é mais importante considerar os tipos de relações que uma pessoa pode ter com aqueles que poderiam, se quisessem, chantageá-la”. (p.68). Sendo esse o temor de Maurice.

Entretanto, ao provar seus verdadeiros sentimentos para Maurice, ambos dão continuidade ao relacionamento. Indo viver no campo. Aqui novamente aparece o retorno para o armário, uma vez que, o refúgio para o campo seria a metáfora da segurança e da perpetuação do segredo. Segundo Sedgwick (2007):

No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. (p.22).

A presença dos mecanismos do biopoder, aparecem como elemento cerceador do ato de viver explicitamente o fora do armário, gerando o medo e uma insegurança constante. Para Foucault (1999), isso se ocorre em detrimento de:

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos — além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião — regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. [...] Além disso, esses diferentes códigos não faziam distinção nítida entre as infrações às regras das alianças e os desvios em relação à genitalidade. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de



qualquer modo, condenação. [...] Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. Na ordem civil como na ordem religiosa o que se levava em conta era um ilegalismo global. Sem dúvida, o "contra - a - natureza" era marcado por uma abominação particular. (38-39).

271

O Sair do armário: as consequências

"*Prayers for Bobby*", uma produção americana de 2009, com o título em português "Orações para Bobby" baseado no livro homônimo de Leroy F. Aarons, tendo como referência o fato acontecido nos anos 80 em Walnut Creek, Califórnia, e dirigido por Russell Mulcahy.

O filme retrata a história de Bobby, um adolescente que começa a descobrir sua homossexualidade. Pertencente a uma família tradicional e religiosa. Bobby se reconhece diferente, em relação a sua sexualidade. A presença da mãe é um elemento marcante na educação familiar, sendo ela uma evangélica convicta, utiliza da religião como mecanismos formador da moralidade. O medo e a angustia vão aumentando cada vez mais, em virtude dos discursos empreendidos pela mãe, sobre o pecado. Bobby com receio de seus sentimentos tenta o suicídio. Entretanto, a chegada do irmão interrompe a ação, ocorrendo o ato revelatório. O irmão não consegue manter a promessa de segredo e relata o fato à mãe. A partir deste momento, a mãe aumenta a vigilância sobre as atitudes de Bobby, utilizando a bíblia como meio de solucionar o conflito existente. Não obtendo sucessos, vai à procura uma psiquiatra.

As tentativas da mãe são contínuas, a ponto de convidar meninas para visitá-lo com objetivo de despertar nele o interesse pelo sexo feminino. Bobby realiza sua primeira experiência homossexual em uma boate gay, causando uma mistura de prazer e culpa, em virtude das falas internalizadas de sua mãe. Ao chegar em casa relata sua experiência, ocorrendo assim, o primeiro confronto entre mãe e filho. A visita inesperada de sua prima, aumenta ainda mais o conflito, sendo a homossexualidade e o motivo da discórdia. A família decide que Bobby deva viajar para Portland. Em Portland Bobby conhece David onde começa um relacionamento.



Entretanto em um momento de crise, Bobby vai atrás de Davíd e o encontra com outro rapaz. Nesse momento, a intensidade da crise aumenta e ele se dirige a um viaduto. Durante a caminhada vai passando os *flashback* de sua vida, e finalmente se lança em direção a rodovia.

As ações doutrinarias da mãe, vão provocaram em Bobby angústia e medo. Uma vez que ele estava passando por uma crise em relação a sua sexualidade. Desta forma, sua primeira fuga ocorre por meio da ingestão de medicamentos. Quando é surpreendido pelo irmão ocorrendo assim o ato revelatório. Para Saggese (2009), “Por outro lado, “falar de si” sempre é, de um jeito ou de outro, uma demanda por reconhecimento, e em muitas das vezes, uma tentativa de maior aproximação daquele para quem se fala”. (p.35).

Porém o irmão ao relatar o fato ocorrido à mãe instaura uma crise familiar. Segundo Sedgwick (2007):

O duplo potencial de prejuízo no caso da revelação gay, ao contrário, resulta em parte do fato de que a identidade erótica da pessoa que assiste à revelação está provavelmente implicada na revelação e, portanto, será perturbada por ela. (39).

A mãe, de formação religiosa fervorosa, busca mecanismos de “cura” pautada na religião. A bíblia será um instrumento de coerção mediante a orientação do filho.

Natividade (2006), em suas análises sobre literatura evangélica, diz:

O conjunto dos artigos e livros conta com certa homogeneidade tanto em sua estrutura como em seus conteúdos: apresentam discussões sobre a origem da homossexualidade, seguidas pela explanação da *verdade* da Bíblia, para comprovar a possibilidade de *cura*. Também apresentam uma caracterização negativa da homossexualidade, acentuando os aspectos de uma “vida pregressa” associada a um comportamento desordenado, imoral e que conduz ao sofrimento. (p.118).

A partir do ato revelatório, as ações corporais de Bobby, passam a ser reprimido, um simples gesto de pôr as mãos na cintura, será motivo de repressão,



uma vez que pode denunciar sua homossexualidade em público, pois fogem da norma estabelecida (heteronormatização).

Essa atitude da mãe acontece segundo Schulman (2009):

[...] uma frustração dos pais em relação às expectativas sociais; em segundo a possibilidade da escolha do filho de ser publicizada ou tornada de conhecimento da vizinhança, o que levaria a comentários, fofocas e perda de algum tipo de prestígio ou reconhecimento social. Esse fato em si, por se opor à norma e aos valores familiares é encarado como algum grau de insubordinação, precisando então ser punido e corrigido. (p. 70).

Sedgwick (2007), uma vez que, “nenhuma pessoa pode assumir o controle sobre todos os códigos múltiplos e muitas vezes contraditórios pelos quais a informação sobre a identidade e atividade sexuais pode parecer ser transmitida”. (p.38).

Ao perceber que a eficácia mediante a religião não dá resultado, procura a ciência como mais uma estratégia de cura desta por meio da psicanálise.

Segundo Neto (2007), para:

Foucault do campo das práticas clínicas psicológicas, psicanalíticas ou médicas possui, na maioria das vezes, a direção de entendê-las como práticas disciplinares, e sua possibilidade de autonomia se configura mais como exceção que regra. (p.182).

As ações realizadas afetam cada vez mais Bobby. E a partir do momento de sua experiência, que ocorreu no gueto, desperta nele o prazer e a culpa.

Segundo Macrae (2005):

O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade. (p.299).

As consequências do ato revelatório vai tomando extensões cada vez maiores, extrapolando o núcleo familiar. Como meio de preservar a família, Bobby



viaja para casa da prima, um centro maior Portland, e ele percebe a diferença do espaço aberto, e que possibilidade e identificação com outros iguais. Essa nova realidade, possibilita a relação com David.

Segundo Silva(1993):

Na medida que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade inclusiva semelhantes a ele, também excluídas do grupos majoritário, ele tende a encarar de outra forma a opção, que passa a significar a sua afirmação pessoal como homossexual, prendendo-o cada vez mais a essa categoria. (p.104).

Em Portland, ao sofrer uma decepção em sua relação afetiva com David, sente-se solitário e angustiado, desta forma rememorando todos os discurso de sua mãe em relação a homossexualidade. E principalmente a fala mãe: “- Eu não tenho um filho gay!” O ato de negação materna, a desesperança, a busca da negação da sexualidade reforçadas pela sociedade heteronormativa vão ser preponderante para ação do suicídio.

Segundo Oliveira (1998):

Tal pressão social vem, portanto, acentuar um estado de melancolia no sujeito, que dificultará que ele faça o luto da heterossexualidade, que é um passo fundamental para a construção de uma identidade sexual na qual a pessoa se reconheça e se sinta autorizada a expressar seus desejos, ainda que o contexto em que viva não seja propício.

Entretanto, o suicídio, ato voluntário de pôr fim à própria vida, pode ser a última forma de suportar a angústia decorrente da não aceitação de desejos (sexuais ou não), no campo social. Trata-se, portanto, de um ato intimamente ligado ao contexto onde ele se produz (Barros,1998).

Para Foucault, existe os “micropoderes”, que se unem em “microesferas”, que vão exercer poder sobre os indivíduos, e dessa forma interferir na sua autonomia. Portanto no filme “Orações para Bobby”, a presença da religião vai ser um elemento cerceador da liberdade individual.

Para Gertz, (2008) a religião é:



” um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (p. 67).

275

Tal dispositivo gera discursos cuja finalidade é oprimir todo(a)s aquele(a)s que ousam sentir, experimentar ou dizer de suas orientações e/ou identidades sexuais diversas da heterossexualidade, de modo que essas pessoas passam a ser estigmatizadas (GOFFMAN, 1988).

Portanto, as consequências advindas do ato revelatório, quando estigmatizadas, podem contribuir para ações extremas. Uma delas é a saída definitiva do armário, a saída da vida.

Um entra e sai do armário: Sobrevivência

O filme “Bent” (1997), baseado na peça de Martin Sherman, e dirigido por Sean Mathias, trata da perseguição de Hitler aos judeus e homossexuais no início dos anos 30 em plena ascensão do nazismo e do Terceiro Reich.

Os personagens Max e Rudy mantêm uma relação descompromissada. Rudy leva uma vida sexual ativa, envolvendo em várias situações que lhe pudesse trazer algum benefício. Numa dessas aventuras ele encontra um soldado alemão na boate frequentada pela comunidade gay de propriedade de Greta, e o leva para sua casa. Na mesma noite os soldados da SS receberam uma ordem para judeus e pervertidos de Berlim. Os soldados vão atrás de Rudy e do soldado alemão, que será executado pelos soldados, porém, Max e Rudy conseguem escapar. E assim começa uma perseguição e fuga dos personagens, primeiramente tendo assumir uma postura considerada masculina, para não serem reconhecidos como homossexuais. Rudy tenta ajuda de sua família, porém sem sucesso. Ao serem pegos pelos soldados nazistas, são levados para o trem com destino a Dachau. Durante o trajeto, Max é torturado, enquanto isso Rudy conhece Horst, um homossexual que também foi capturado que percebe a relação dos dois, e explica



que é melhor ele não se manifestar, pois caso contrário ele também vai receber o triângulo rosa, considerado o mais baixo nível da hierarquia de classificação, perdendo somente para a estrela amarela que era a que designava os judeus. Entretanto os soldados trazem Max e pergunta se eles eram amigos, e Rudy nega, e é obrigado a torturar seu companheiro.

Logo depois é posto à prova, sendo obrigado a realizar o ato sexual com uma jovem de 13 anos morta pelos soldados, e assim conseguir a estrela amarela. Já no campo de concentração Rudy é obrigado a carregar pedras de um lado para o outro. Após subornar um soldado consegue trazer Horst para realizar o trabalho com ele. Aos poucos Rudy vai se apaixonando pelo companheiro, porém, alguns embates são tratados, pois Horst é um homossexual que se orgulha de sua orientação, enquanto Rudy se apega a sua identidade de judeu, como meio de proteção. O trabalho os levam a exaustão, chegando quase a esquecerem quem são. Em um determinado momento eles realizam um ato sexual se se tocarem, uma vez que isso não era possível, a ação é realizada somente pela palavra. Entretanto, durante o inverno Horst é tomado por um resfriado e Rudy se prostitui com um soldado para conseguir medicamentos dizendo ser para ele.

Contudo, em um determinado dia de ronda o soldado com quem Rudy mantém uma relação velada, percebe que quem está doente é Horst, e assim, descobrindo a farsa. Então são encaminhados para próximo da cerca, onde ocorre o assassinato de Horst sob a vista de Rudy. Neste momento ele retira a camisa de Horst que a usava com orgulho, e a veste, assumindo assim sua identidade homossexual e se atira em direção da cerca eletrificada.

O filme trata do período nazista do anos 30, a ascensão de Hitler, quando inicia a perseguição dos judeus na Alemanha, e juntamente a perseguição dos homossexuais, como forma de uma assepsia de raça, cabe aqui dizer que no caso dos homossexuais não existia diferença entre homossexual judeu ou alemão, eram simplesmente homossexuais. Neste sentido, o homossexual era a pior classificação em termos de escalas, recebendo o símbolo da estrela rosa, sendo inferior a estrela amarela que designava os judeus. Receber a estrela rosa era significado de que o



indivíduo receberia torturas não somente dos soldados, mas também do próprios companheiros de agrupamento, pois era a representação da escória humana. Nesse sentido, o racismo vai exercer duas funções, o de fragmentar, fazendo incisões internas no contínuo biológico a que o biopoder se dirige, e o de permitir uma relação positiva, no tangente a permanecer vivo. Segundo Foucault:

277

De uma parte, de fato, o racismo vai permitir estabelecer, entre a minha vida e a morte do outro, uma relação que não é uma relação militar e guerreira de enfrentamento, mas uma relação do tipo biológico: quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu - não enquanto indivíduo mas enquanto espécie - viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar"(p.305).

Entretanto, discorrerei sobre os personagens que norteiam o filme, Max, Rudy e Horst. Max um homossexual bailarino, Rudy um homossexual judeu, aqui denomino o porquê de especificar que o personagem era judeu, pois isso vai influenciar em suas ações de entrar e sair do armário mediante as situações vivenciadas, e Horst um homossexual envolvido nos movimentos em favor da liberdade do homossexual, e que tem orgulho de sua orientação.

No filme a ação de entrar e sair do armário vai acontecer em relação a realidade vivida dos personagens, e metaforicamente mediante a cenografia do filme. A metáfora do armário enquanto linguagem, aparece quando Max e Rudy estão fugindo da perseguição dos soldados alemães e vão pedir ajuda a Greta, homossexual dono de uma casa noturna onde Max trabalhava. A representação da casa de Greta é apresentada por um aglomerado de guarda roupas, e ao adentrarem encontram Greta, já está vestido de roupas masculinas e todo seu gestual é de um homem hétero sem os trejeitos femininos. O guarda roupa é composto de fantasia que utilizavam nos shows. É quando Greta comunica que de agora em diante se quiserem sobreviver terão que se travestir de homem. Antes de saírem, Greta põe fogo no armário, simbolizando o apagar da identidade vivida.



Essa é a primeira entrada no armário, provocado pelo medo e pelo instinto de sobrevivência.

Segundo Saggese (2008):

Para ocultar ou revelar sua homossexualidade terá, necessariamente, repercussão direta na vivência do risco, a partir da maneira pela qual ele será reconhecido enquanto ser social. Ele sabe, porém, que este reconhecimento é inevitável para sua aceitação ou rejeição, restando a ele somente a opção de decidir como apresentar-se publicamente nas situações com as quais invariavelmente virá a se deparar. (p.4-5).

278

Tentando sobreviver na clandestinidade, Rudy buscando ajuda de sua família, e Max o exercendo trabalho braçal em obras, não conseguem escapar da perseguição dos soldados nazista. Ao serem pegos e levados para o trem que os levariam para o campo de concentração, ocorre a segunda ação do ato de adentrar ainda mais no interior do armário. Quando Max é torturado e eles querem ter certeza que Rudy não é seu companheiro, que foi alertado sobre as questões de separação entre judeus e homossexuais, nega veemente que não o conhece e o tortura na frente de todos, levando-o à morte. Ao realizar este ato, ele busca a autoafirmação dizendo o tempo todo que é judeu. Buscando dessa forma, não ser classificado com a estrela rosa. Porém para consegui-la os soldados o põe a prova, obrigando-o a ter uma relação sexual com uma adolescente de treze anos morta pelos soldados. Esse foi o preço para conseguir a estrela amarela. Essa ação o faz a adentrar no armário em prol de sua existência.

Sedgwick (2007), quando afirma que:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays, há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...] Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição [...] O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (p. 22).



Já no campo de concentração, Rudy não mede esforços para conseguir trazer Rudy para perto dele, esforços esses, que seria o suborno e a prostituição com soldados.

A situação de sofrimento e de desumanidade, acaba gerando uma “vida nua”, uma vida despida de qualquer valor, vida matável, sem que haja responsabilidades pela morte. Individual ou coletiva, fadada ao extermínio, banida, sem qualquer punição. Completamente destituída do estatuto de sujeito de direito e dever, que ao ser despido de sua condição humana, qual seja, a de ser um indivíduo da qual, o que diferencia dos restos dos animais: a condição unicamente de “ser-humano” (ANGABEM 2002).

Porém, mediante as atrocidades vividas durante o inverno, Horst adquiri um resfriado, que lhe causará a morte. Uma vez que os soldados o assassinam na frete de Rudy. Após presenciar, Rudy tenta manter sua performance, porém não conseguindo mantê-la, em virtude do amor que sente por Horst. Não conseguindo suportar sua dor, ele tira a camisa que Horst sempre usou com orgulho e a veste. Nesse momento ele não somente sai do armário mas rompe com todas as portas. E num instante de desespero se atira na cerca elétrica. Morrendo com a camisa que tanto simbolizou a luta de seu amado companheiro. Para Sedgwick (2007), “A revelação da identidade no espaço do amor íntimo derruba sem esforço toda uma sistemática pública do natural e do não natural, do puro e do impuro” (p.34).

Considerações

O sair do armário, tratado nessa pequena reflexão, percebe que o dispositivo da sexualidade gerida pelo biopoder, poder esse que, por meio de seus mecanismos, influenciam nas formas de como lidar com o armário. Uma vez que, conforme a apresentação, ela influencia, cerceia o personagem a entrar ou a sair desde armário. Organizando a trilha sonora da encenação, a luz própria para a ação, o modo do gestual a ser utilizado. Escrevem o roteiro, reforçam os



antagonistas. Porém nesse drama humano, até o final parece ser direcionado, para pôr à prova a resistência do personagem. Com finais, trágicos, com saídas sem voltas, com sentimentos as escondidas. E com armários de todos os tipos, de todas as cores, onde a plateia fica na ânsia do ato revelatório ou não. E desta forma, dando continuidade do grande teatro que é a existência. Apagam se as luzes, mas não fecham as cortinas.

280

Bibliografia

BARROS, M. B. A. As mortes por suicídio no Brasil. In: CASSORLA, R. M. S.(Org.). Do suicídio. Estudos brasileiros. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

BENT. Direção: Sean Mathias , Produção: Hisami Kuroiwa, 1997, 1987, 1 DVD.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2008.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

NETO, João Leite Ferreira. Artes da Existência: Foucault, a Psicanálise e as Práticas Clínicas. Psic: Teor. e Pesq., Brasília, Abr-Jun, Vol. 23 n. 2, 2007.

MAURICE. Direção: James Ivory, Produção: Ismail-Merchant Produções e Film Four International, 1987, 1 DVD.

MISKOLCI a. “O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet”. Revista Gênero, Niterói, v. 9, n. 2, 2009. <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88>. Acessado em 15/08/2017.

NATIVIDADE, Marcelo. “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.. 21, n. 61, São Paulo, Edusc. 2006.



OLIVEIRA, V. M. de. Identidades interseccionadas e militâncias políticas. In: GROSSI, M.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

PRAYERS for Bobby. Direção: Russell Mulcahy. Produção: Chris Taaffe, 2009. Filme dublado, colorido, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qprpqnqVVuY>. Acesso em 02 agosto. 2017.

281

SEDGWICK, Eve K. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332007000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em 15/08/2017.

SAGGESE, G. S. R. (2008, agosto). Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais. Seminário Fazendo Gênero – corpo, violência e poder, Florianópolis, SC, Brasil, 8. http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Gustavo_Santa_Roza_Saggese_46.pdf . acessado em 16/08/2017.